9.º ANNO 15 DE JANEIRO DE 1887 NUMERO 6

O Progresso Catholico

«... sequorautem, si quo modo comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIAO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum ad destinatum persequor, ad bravium triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID 13. 14.

SUMMARIO:—O Nascimento do Senhor! por C. D. Grillo—Secção religiosa: *A santificação dos domingos e dias Santos*, carta Pastoral do S. Exc.ª Rev.ma o Snr Bispo d'Angra.—Secção scientifica: *O Ecclesiastes*, por J. C. de Faria e Castro—Secção historica: *Fr. Simão da Rainha Santa* pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção critica: *Coisitas!* por um catholico.—Secção litteraria: *Poder da graça*, poesia, por A. Moreira Bello; *A um lyrio*, soneto, por C. C.; *inimigos da instrucção primaria*, discurso, por A. S. T; *Uma conversão*, por A. A. Torres;—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.—Gravuras: Daniel defendendo Suzana; a sagrada familia

GUIMARÃES 15 DE JANEIRO DE 1887

O Nascimento do Salvador (1)

Puer natus est nobis

Quatro mil annos havia que o mundo existia, quando Jesus Christo veio visitar e remir o seu povo; quatro mil annos havia, e já o genero humano tinha representado um grande papel no universo, mas um papel em que figuravam todas as ambições, todos os vicios e todos os crimes; quatro mil annos havia, e já as vozes dos prophetas se tinham ouvido no seio do povo judaico, e as dos philosophos no meio do povo pagão, sem que a humanidade trilhasse o caminho da verdade e da justiça; quatro mil annos havia, e ainda o sol, a lua, as estrellas, o fogo, o ar, os homens e os animaes eram adorados como *deuses*; quatro mil annos havia, e ainda a guerra era adorada debaixo do nome de Marte, o roubo do de Mercurio, a embriaguez sob o nome de Baccho, e a lascivia do de Venus; quatro mil annos havia, e ainda os homens não eram considerados todos como pessoas, vivendo uma grande parte da humanidade na escravidão; ainda a mulher não era uma companheira do homem, e os filhos podiam ser vendidos e até mortos por seus paes; quatro mil annos havia em fim, e ainda a humanidade não tinha sido resgatada do captiveiro do demonio, em poder do qual ella tinha caido logo que o primeiro homem offendeu a Divindade.

E a humanidade, que ainda era impellida pelo tufão das paixões, devia ser suspendida na sua carreira vertiginosa, e ao demonio devia ser arrebatada a preza que com tanta ancia sustinha. Mas quem devia arrabatar a humanidade ao poder do demonio e das paixões? Um Deus, e só um Deus, porque só Elle podia satisfazer á divina justiça offendida, e resgatar a humanidade do poder do demonio; porque só Elle podia guiar a humanidade pela senda da verdade e da justiça, pois que não bastaram todos os prophetas e philosophos anteriores á vinda d'esse Deus ao mundo, aos quaes acontecia serem ultrajados como Isaias, ou berem a morte por meio de veneno como Socrates.

Cumpria que esse Reparador do genero humano, que já tinha sido promettido a nossos primeiros paes immediatamente á sua queda: que o tinha sido a Abrahão Isaac e Jacob, o ultimo dos quaes tinha annunciado o tempo em que Elle devia apparecer; de quem Moysés tinha dito que depois de si havia de vir um propheta que lhe fosse similhante, que tambem havia de legislar para o seu povo e santifical-o; que Daniel tinha prophetisado que viria passadas setenta e duas semanas; de quem Jeremias já tinha por assim dizer historiado a vida, paixão e morte futuras; cumpria, digo, que esse Reparador se fizesse homem para vir resgatar os homens do poder do demonio, das trevas da ignorancia e da cegueira das paixões.

Estava proxima a vinda d'Aquelle que devia ser o caminho, a verdade e a vida: o caminho, que nos havia de conduzir á Bemaventurança; a verdade que nos havia de ensinar a conhecer a Deus e suas infinitas perfeições, assim como a origem, natureza e fim do homem; a vida, que nos havia de alimentar com o Seu Corpo e Sangue, chamando-se Pão da vida eterna, Pão de que os Anjos eternamente se alimentam, vida e resurreição nossa—*resurrectio et vita*.

Estava no principio da sua decadencia o ultimo dos imperios symbolisados na estatua de Nabuchodosor, e estava prestes a despedir da montanha a pedra que, batendo nos pés de barro da estatua, a fazia baquear. Tinha saido o sceptro da casa de Judá e passado ás mãos d'um estrangeiro, Herodes. Tinha nascido a mulher privilegiada que devia esmagar a cabeça da serpente. Tinha nascido o que devia ser a *voz do que clama no deserto* para *preparar o caminho do Senhor:* tinham-se calado as vozes dos prophetas para dar unicamente logar á do Precursor. As setenta e duas semanas de Daniel estavam a expirar, e o mundo que até alli tinha estado envolvido em guerras, ia a gozar os beneficios da paz, por isso que estava para nascer Aquelle que vinha trazer a *paz aos homens de boa vontade*.

Iam cessar os gemidos dos justos da antiga lei, que pediam ás nuvens que fizessem chover o Justo como benefico orvalho, e á terra que fizesse germinar o Salvador.

Um grande acontecimenco se devia realisar no mundo: era um recenseamento geral da população de todo o imperio romano, ordenado pelo imperador Cesar Augusto. Em cumprimento do decreto imperial deviam os chefes de familia ir á terra da sua naturalidade para alli se alistarem. São José e a Virgem Maria eram oriundos de Belem, e por isso tinham de ir áquella cidade para alli serem alistados, saindo de Nazareth, onde tinham fixado a sua morada. Foi quando estavam em Belem, e na noite de 24 para 25 de dezembro do anno 4004 da creação do mundo, que a Virgem Maria deu á luz o Redemptor n'um humilde presepio, cumprindo-se assim a prophecia de Micheas, que annunciava que o Salvador havia de nascer em Belem.

O Divino Menino podia se quizesse, nascer n'um palacio e reclinar-se n'um berço doirado, como Senhor Soberano de todas as coisas e descendente de reis, mas não quiz. Vinha ensinar ao mundo a humildade e não a vaidade; vinha ensinar aos pobres a soffrer com paciencia a pobreza, e queria nascer pobre. Podia fazer-se cercar de cortezãos que celebrassem o seu nascimen.

(1) Por chegar demasiado tarde não foi publicado no passado n.º, como devia, este bello artigo.

Nota da redacção

to com festas ruidosas e apparatosas musicas; mas quiz antes que os seus cortezãos fossem humildes pastores, e que a musica das suas agrestes frautas celebrasse o seu nascimento Podia ao menos nascer n'outra quadra do anno, em que não soffresse os rigores do frio, mas Elle vinha ensinar a humanidade a soffrer e não a gozar, e quiz começar logo a soffrer, nascendo n'um dos mezes de mais frio.

E todavia esse Menino, que assim tão pobre e humildemente, desajudado dos meios humanos havia de fazer uma reforma profunda nas leis e nos costumes, na vida civil e politica dos povos, na religião e nas sciencias: havia de estabelecer a fraternidade e a verdadeira egualdade entre os homens; n'uma palavra, havia de *revovar a face da terra*. E porque? Porque é Deus. Se o não fosse, podia Elle fazer acceitar pelos povos, e povos costumados aos vicios e desenfreamento nas saturnaes abacchanaes, a sua religião em que se prega a humildade, a pobreza voluntaria, a paciencia, a abnegação, o sacrificio, a castidade e a penitencia? Não. A sua religião está espalhada por toda a terra e tem produzido innumeros beneficios; e, se d'ella se não teem colhido todos os fructos que póde produzir, a culpa não é do seu Divino Fundador ou da propria religião, mas sim da preversidade dos homens que constantemente embaraçam a sua acção. É pois, Deus o Menino que nasceu no presepio de Belem, e por isso digamos com a Santa Egreja: *Puer natus est nobis: venite, adoremus.*

C. D. Grillo.

SECÇÃO RELIGIOSA

A santificação dos domingos e dias santos

Carta pastoral de S. Exc.ª Rev.ma o Snr Bispo d'Angra

(Continuado do n.º anterior)

Ora se isto assim acontece em a natureza bruta, por maior força de razão se dá no homem: a intelligencia de que é dotado, vivificando seu corpo material, produz n'esta reacção tal, que só um repouso prolongado é capaz de reparar. E com effeito, amados Filhos no Senhor, vós o experimentaes todos os dias: o repouso da morte, symbolisada no somno, que nos rouba a terça parte do tempo, é um dos principaes sustentos do nosso miseravel corpo; e não é elle bastante, porque a experiencia, esta principal mestra da vida, nos mostra que não é possivel ao homem trabalhar muitos dias successivamente, sem dedicar alguns ao repouso; e, se o trabalho é puramente intellectual, o descanço deve ser mais frequente. E' esta uma das principaes razões por que Deus nosso Senhor prohibiu o trabalho nos domingos. A Egreja estendeu esta prohibição a alguns dias santificados, e a mesma Sociedade civil, quando a natureza do trabalho o demanda, como nas escholas onde, por ser intellectual, é mais violento, tem estabelecido outros dias de descanço ou feriado no meio da semana, e ferias consideraveis de tempos a tempos.

A necessidade pois do descanço, sendo fundada em a natureza humana, não podia deixar de ser admittida em todos os tempos e por todos os povos; e com effeito nenhum tem havido nem haverá em que alguns dias não sejão applicados para o descanço das fadigas humanas No que unicamente poderá haver variação é em o seu numero e disposição; mas acreditai, amados Filhos, que a distribuição do tempo em seis dias para trabalhar e um para descançar é a melhor que se póde fazer, e a mais confórme com as necessidades da nossa natureza. Para vos convencerdes do que, basta lembrar-vos—que é obra de Deus, autor da nossa propria natureza. Ha perto d'um seculo que uma Nação poderosa da Europa, no seu delirio teve a ousadia de querer reformar e emendar esta obra de Deus, mas bem depressa se desenganou — que as obras do Senhor não podem ser reformadas pelos miseraveis mortaes; os quaes nada possuem de bom que lhes não venha da mesma Divindade.

Se pois o descanço é uma necessidade da natureza humana, e se não póde ser mais bem calculado e distribuido do que está; será a maior das loucuras—despresar a Lei da Natureza; porque emquanto procuraes alcançar alguns poucos bens terrenos, perdeis outros muitos mais consideraveis:—arruinais os animaes que vos servem, os quaes exaustos de forças, ou não podem depois prestar-vos os serviços que vos prestarião, ou se arruinarão, tendo vós de perder n'elles sommas mui importantes; e o que é mais, —para alcançardes um duvidoso fructo, perdeis a vossa saude e muitos dias de vida: de modo que, á maneira dos avarentos, tornais a vossa saude e vida um meio de vos enriquecerdes, quando pelo contrario todos os trabalhos d'esta vida, além dos fins sobrenaturaes, se devem dirigir á conservação e felicidade da mesma vida. Mas o que sobre tudo nos magôa é ver, (oh! funesta cegueira!) que taes são os resultados d'este peccado, que, fazendo vós d'esta vida um inferno de trabalhos e afflicções com que vos matais, em logar de ganhardes com isso alguma felicidade, como imaginais, pelo contrario, ganhais (se tal se póde dizer) a vossa condemnação eterna!

III

A Religião divina, amados Filhos, pela sua benefica influencia e maternal caridade em favor dos miseros mortaes, não podia deixar de vir obrigar os homens, impondo-lhes por preceito, a que attendessem á sua propria conservação por meio do descanço; prevendo facilmente que—elles cégos por este mundo de nadas, atropellarião a propria natureza e os seus mais solidos e palpaveis interesses, para alcançar uma imaginaria e illusoria fortuna, que se converteria na maior desgraça. Assim ainda antes de santificado o trabalho, como partilha do homem, e uma das penas do seu peccado (1), se achava já abençoado e santificado o descanço no septimo dia de cada semana, em memoria do septimo dia ou periodo em que o Senhor se diz descançara dos trabalhos da creação do Universo (2); sendo a santificação e descanço do septimo dia, a que correspondia o sabbado na antiga Lei, e o domingo na Lei da Graça, um dos preceitos mais explicitos e terminantes.

Para prova do que, expor-vos-hemos aqui as proprias palavras com que o Senhor, elle mesmo, por sua propria bocca, no cume do Sinai impõe logo em 3.º logar este preceito ao seu povo: *Lembra-te,* diz o Senhor, *de santificar o dia de sabbado; Por seis dias trabalharás e farás todos os teus serviços; mas o septimo dia é o sabbado do Senhor teu Deus; n'elle não farás obra alguma: nem tu, nem teu filho,*

(1) Gen. II, 17 a 19. — (2) Ibid. 2 e 3.

nem tua filha, nem o teu escravo, nem a tua criada, nem o teu jumento, nem o estrangeiro, que estiver dentro das tuas portas; porque em seis dias fêz o Senhor o Céo e a terra, o mar e tudo o que n'elles se contem, e descançou no septimo dia; e é por isso que o Senhor abençoou e santificou o dia de sabbado» (1).

Preceito que é igualmente enunciado em muitos outros logares. Entre os preceitos regulamentares que o Senhor deu a Moysés para governar o seu pôvo, se comprehende tambem este: «*Por seis dias trabalharás; no septimo descançarás, para que descance o teu boi e o teu jumento e se reanime o filho da tua escrava e o estrangeiro*» (2). Em outra parte diz ainda o Senhor: «*Por seis dias trabalhareis; o septimo dia se chamará santo, por o descanço do sabbado; não farás n'elle obra alguma, pois é o sabbado do Senhor em todas as vossas habitações*» (3). E ainda em outro logar se acha escripto: «*O septimo dia é o do sabbado, isto é o descanço do Senhor teu Deus. Não faças n'elle obra alguma, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o servo, nem a criada, nem o boi, nem o jumento, nem animal algum teu, nem o peregrino, que está dentro das tuas portas: para que descance o teu servo e a tua criada, assim como tu*» (4). D'esta ultima passagem e de outras (5), se vê que a palavra sabbado se considerava como synonima de descanço.

E não era tam sómente o septimo dia que o povo de Deus era obrigado a guardar, mas outros dias de solemnidades annuaes (6), a que correspondem hoje as nossas festividades; e além d'isto o preceito de descanço estendia-se muito mais n'aquelles tempos primitivos; por quanto, assim como o septimo dia era consagrado ao Senhor, e dedicado ao descanço, assim tambem o era o septimo anno; no qual não era permittido cultivar as terras, nem podar as vinhas, sendo dedicado ao descanço da terra (7); e servindo de sustento commum os fructos espontaneos da mesma terra. E assim como se contavão semanas d'annos para se dedicar o septimo ao descanço e ao Senhor, assim se contavão ainda semanas de semanas d'annos, que se completavão com um anno mais, chamado *jubilar*, o quinquagesimo, o qual, sendo de grande solemnidade para o povo de Deus, era tambem dedicado ao Senhor e consagrado ao descanço.

Este era, amados Filhos, o modo por que Deus, como Senhor de todas as cousas, queria, na antiga Lei, que se Lhe dedicasse e offerecesse o proprio descanço e se Lhe fizesse o pequeno sacrificio do pouco que n'esse tempo consagrado ao Senhor se poderia lucrar.

Vejàmos agora como esta lei era sanccionada, e como erão castigados os seus transgressores; são as palavras do mesmo Senhor a Moysés: «*Fala com os Filhos de Israel, e lhes dirás: Tende cuidado em guardar o meu sabbado; porque este é o signal estabelecido entre mim e vós nas vossas gerações; para que saibais que eu sou o Senhor que vos santifico. Guardai o meu sabbado, porque é santo para vós: aquelle que o violar morrerá; o que trabalhar n'este dia perecerá a sua alma do meio do seu povo. Vós trabalhareis seis dias, no dia septimo é o sabbado, descanço consagrado ao Senhor; todo o que trabalhar n'este dia morrerá*» (1). E não é só n'este logar que se acha estabelecida a pena de morte contra quem trabalhar no sabbado (2).

¿E seria acaso, amados Filhos, seria acaso esta pena tão grave imposta somente como ameaça com o fim de intimidar, sem que Deus tivesse tenção de a impor?... Não! O Todo Poderoso não illude ninguem e a sua justiça é inexoravel!... Para prova repetiremos ainda aqui as proprias palavras por que o Escriptor sagrado conta o modo por que foi castigado, por ordem do Senhor, um desgraçado que em um sabbado foi encontrado, não entregue a um trabalho violento e demorado, (mas o que é de admirar), a enfeixar apenas um molho de lenha no deserto! Ouvi o que diz a Santa Biblia no Livro dos Numeros (3): «*Aconteceo que, estando os Filhos de Israel no deserto, e achado um homem enfeixando lenha no dia de sabbado, o apresentaram a Moysés, a Arão e a todo o Povo; os quaes o metteram em prisão, não sabendo o que d'elle devessem fazer. Então disse o Senhor a Moysés: morra este homem de morte, todo o povo o apedreje fóra dos arraiaes. E, como o tirassem para fóra o cobriram de pedras e morreo, como o Senhor tinha ordenado*» (!!!)

Tal era o modo por que se guardava o dia de sabbado que, não sendo permittido aos Israelitas no Deserto apanharem o manná de que se sustentavão se não para o proprio dia, por que no seguinte apparecia corrompido, com tudo no sexto dia devião apanhar dobrada quantidade; porque no sabbado nem cahia do céo, nem que cahisse seria permittido apanhal'o (1). Talvez por esta razão vendo os Phariseos que os Discipulos de Jesus em um sabbado apanhavão espigas e comião, se escandalisaram, dizendo—que tal não era permittido (2); e, conduzindo o Paralytico no sabbado o seu leito, depois de curado milagrosamente pelo Salvador, não faltou quem o accusasse de fazer no sabbado um tão leve serviço (3). Assim como houve quem quizesse accusar o mesmo Salvador de curar, ou só dizer que era licito curar no sabbado! (4)

(1) Exd. XX, 8 a 11.—(2) Exd. XXIII, 12—(3) Ibid. 3.—(4) Deut. V, 14—(5) Exod. XXXI, 15—Lev. XXIII. 39.

(6) Exod XXXI, 14 e seg.—Deut. XVI, 1, 10, 13, 15—Jud. XVI, 31, I Macab., IV, 59,—II Macab. XV, 36 e 37.—(7) Exod. XXIII, 11—Lev. XV, 4.

(1) Exod. XXXI, 13 a 15.—(2) Exod. XXV, 2.—(3) XV, 32 e seg.

(1) Exod. XVI, 32 e seg.—(1) Math XII, 1 e 2—Marc. II 23 e seg.—(2) Joa. V. 10.—(3) Math. XII, 10.

SECÇÃO SCIENTIFICA

O Ecclesiastes

O Ecclesiastes como era muito sabio, ensinou o povo e contou o que tinha feito. .
Eccl. Cap. XII, v. 9.

ECCLESIASTES significa pouco mais ou menos na nossa lingua *prégador*. Effectivamente, n'este livro canonico intitulado o *Ecclesiastes*, o rei Salomão prega as penas e as vaidades da vida, e ensina a arte de passal-a n'uma doce alegria.

Salomão moralista severo no livro dos *Proverbios*, é n'este um profundo philosopho.

Na opinião de alguns auctores, o monarcha hebreu, emendado dos seus desvios, escrevêra este poema no fim da sua vida como a expressão verdadeira do seu arrependimento, e para divulgar ao mundo a vaidade das coisas

terrenas, as quaes teve occasião de julgar melhor que ninguem.

Outros só viram n'elle os sentimentos de um epicureo, que aconselha a comer, a beber e a viver á solta, emquanto não chega a morte.

De outra opinião é a Egreja que o considera como um livro de inspiração divina, e o inserio no seu canon.

Se a philosophia consiste em grande parte no recolhimento para examinar e comparar as impressões que nos chegam, ou directamente ou por transmissão, quantos direitos o *Ecclesiastes* não dá pois a Salomão para ser contado entre os paes da sabedoria? Qual espirito como o seu foi tão positivo e tão experimental? qual homem marchára mais direito para as altas questões e mais sentira a inquietação que desperta a falta da sciencia? Que se compulse todos os livros de philosophia moral e de observações de costumes passados e presentes, não se achará no mesmo numero de paginas um numero superior de esboços engenhosos e de fortes pensamentos.

Salomão estava convencido que o homem nasce com um coração justo, mas que a infinidade de questões que tem sido levantadas que lhe tem ordinariamente feito perder a linha recta. Então elle põe a si mesmo a seguinte questão: *Póde o homem ser verdadeiramente feliz debaixo do sol?*

Com este intento, investiga Salomão todos os gosos terrenos, interroga-os um a um, e vem a reconhecer que nenhum póde satisfazer o desejo ardente do coração humano pela felicidade.

Tudo é vaidade, porque tudo é passageiro e caduco. A sciencia é vã, porque a sciencia só tem um tempo; só uma sciencia ha que seja real, é aquella que deve fazer-nos triumphar da morte, é o temor de Deus e a pratica dos seus mandamentos: porque isto é o tudo do homem, e Deus na sua justiça ha de examinar tudo o que tivermos feito de bom e de mau. Tal é pois o fundo do livro que nos occupa: as coisas ás quaes ligamos estolidamente a felicidade não são senão vaidades;—é o temor de Deus e o cumprimento dos seus preceitos o que nos garante uma eterna felicidade.

Eis aqui temos o que exprime Salomão nos primeiros e nos ultimos versos do seu Ecclesiastes. Mas que se oiça as suas proprias palavras nos capitulos 1.º, 2.º e ultimo:

«Vaidade de vaidades, disse o Ecclesiastes: vaidade de vaidades, o tudo vaidade.»

Depois d'este começo, o poeta descreve os desgostos e as afflições que são a herança do homem:

«Eu reinei sobre muitos povos, eu edifiquei magnificos templos, eu entreguei-me a toda a sorte de sensualidade, eu fui senhor de milhares de escravos. Quem se saciou, exclama elle, e quem ha de gosar tanta variadade de deleites como eu? Pois bem, eu reconheci que tudo isto não é senão vaidade. Entreguei-me ao estudo, augmentei a somma da minha instrucção, abracei todas as sciencias: eu fiz por extremar os erros da verdade, a folia da sabedoria: trabalho laborioso e tristissimo! Augmentando os conhecimentos, augmenta-se os desejos. Então, desanimado, disse commigo mesmo: Pois bem, eu me entregarei aos gosos da vida, eu hei de gosar dos beneficios d'este mundo: outra vaidade! Eu vi que o prazer trahia a minha esperança, e eu disse ao Goso: Porque me enganas?

Mas onde tende todo este discurso? que todos o oiçam.

Teme a Deus, e observa os seus mandamentos: porque isto é o tudo do homem. E isto, *porque tudo o que o homem tiver feito em sua vida, o ha de Deus chamar a juizo.*»

* *
*

E' difficil atinar com precisão com a divisão exacta d'este poema; quanto ás idéas de que se compõe, contentar-me-hei em indicar aqui as principaes.

Salomão falla muitas vezes do amor das riquezas, e para demonstrar a vaidade d'estes bens frivolos que se busca com tanto ardor, apresenta nos differentes quadros proprios a inspirar repugnancia. Primeiramente é um avarento que vê anniquilar-se os seus thesouros a grande custo conservados sem a esperança dos recuperar e para o futuro sem meios de educar o seu juvenil filho.

Aqui é um avarento sem esposa, sem filhos, que nem faz esta reflexão, dizendo: Para quem trabalho eu, e defraudo a minha alma dos bens da vida?

Ali, é um avarento amontoando ouro e não pensando nunca em gastar. Ora é um rico que faz uso dos seus bens e prodigalisa-os em satisfazer os seus desejos com toda a magnificencia, sem reflectir assim: Quem será o possuidor de todas estas obras dispendiosas e de tantos trabalhos? Será acaso um homem virtuoso ou um insensato?

Salomão entretem-se tambem da vaidade do poder. N'este logar fal'a d'um moço que deve subir ao throno, mas que a morte ha de arrancar logo a seus povos do meio das grandezas; é uma allusão prophetica ao seu tenro filho.

A applicação á sciencia, diz-nos elle ainda, é vã, e se compraz em repetil-o em muitos logares; ora porque é adquirido este bem a muito custo; ora porque a posse d'elle não faz com que se escape de nenhum modo da morte.

Emfim, Salomão mostra que todas as superioridades da terra são vaidades, não só porque ellas são caducas, mas porque ninguem está no seu logar debaixo do sol. Esta passagem serve de transição a uma nova idéa, frequentemente reproduzida no *Ecclesiastes*. E' que o justo nem sempre é o mais recompensado n'este mundo. Por isto, Salomão entende certamente fallar d'aquella sorte de desordem moral universal de que a impiedade se tem servido contra a existencia de uma outra vida.

* *
*

Após a ennumeração de todas as vaidades ás quaes os homens se ligam, Salomão não deixa de collocar ao lado de cada uma d'ellas uma especie de remedio e de consolação, afim de não tirar a coragem á humanidade com o quadro das suas miserias. E elle ensina, portanto, ao homem, que a felicidade está collocada no goso moderado que Deus ha por bem conceder-lhe. Esta idéa acha-se repetida quasi tão frequente como a idéa fundamental do poema; e parece com effeito que uma deve sempre acompanhar a outra, para consolar das impressões dolorosas que ella haja feito.

O descanço sobre os dons do Senhor é, portanto a unica felicidade da vida, e ainda este tambem é uma vaidade.

Salomão vae mais longe: elle acusa eloquentemente a vida que só é apenas um erro, e o prazer que é uma mentira. Emfim, elle leva ao cabo a vaidade humana, comparando o homem com a alimaria, assim:

Eu disse no meu coração ácerca dos filhos dos homens que Deus os provava, e lhes mostrava que eram similhantes aos brutos.»

Isolado, este trecho seria impio; mas n'um poema cheio de maximas aliás tão religiosas, não deixa elle a menor duvida sobre a pureza das intenções do auctor, que não deprime assim o homem senão para o convencer da vaidade da vida terrena, e, pelo contrario, da realidade da vida que deve seguir á morte.

* *
*

Assim o sabio rei analysa a vida do homem: tudo é vaidade n'elle se se contempla o que elle dá ao mundo; tudo é importante, se considerarmos o que elle dá ao seu Auctor.

A primeira palavra do *Ecclesiastes* mostra o nada da creatura, a outra estabelece a sua grandeza.

J. C. de Faria e Castro.

SECÇÃO HISTORICA

Fr. Simão da Rainha Santa

Religioso professo da Ordem de S. Francisco

I

A FAMA, pelas suas cem boccas, costuma propagar pelo mundo os nomes dos heroes que se distinguiram na defeza da patria, ou que praticaram acções memoraveis com relação á sociedade civil.

Com maior rasão deverá annunciar ás gerações futuras os nomes e acções dos heroes da Religião, d'aquelles que se immortalisaram no exercicio das virtudes christãs.

Se o homem tem por dever natural a missão propagadora das virtudes civicas, para com ellas illustrar os seus similhantes, não deverá tambem lançar no meio dos povos ao menos o salutar exemplo d'uma vida purificada pela Religião, pela penitencia e pelo sacrificio?

No seculo em que vivemos, n'este tempo que parece amaldiçoado pela mão de Deus, estará por ventura a impiedade tão culminante, que julguem os homens sem valor algum a obra do religioso perfeito, do servo de Deus, do escolhido do Senhor?

Em geral a vocação ao estado religioso é um beneficio tão singular, que depois da predestinação é o maior de todos, e a poucos concedido.

Quer pelo lado politico, quer pelo religioso, aos olhos do homem christão, está plenamente comprovada a utilidade da perfeição religiosa, a vida de sacrificio.

Entre os varões apostolicos, que em Portugal floresceram na sciencia da salvação e em todo o genero de virtudes evangelicas, nomearemos o veneravel Fr. Simão da Rainha Santa, religioso professo da segunda Ordem de S. Francisco.

Este inclyto varão é pouco conhecido; mas é digno de que o seu nome seja transmittido á posteridade, e que d'elle se trace um breve esboço biographico.

E' o que faremos nas despretenciosas linhas que se seguem, devidamente informados a este respeito.

Nasceu Fr. Simão da Rainha Santa na freguezia de Val de Gouvinhos, concelho de Mirandella, diocese de Bragança, a 21 de outubro de 1783.

Foi de origem obscura; mas sabe-se que sua mãe se chamava Maria Pereira, sendo o pae incognito.

Foi baptisado em casa, em artigo de necessidade, por Caetano Maria, sendo-lhe depois suppridas as ceremonias do baptismo solemne a 28 do referido mez e anno, pelo parocho da freguezia de Val de Gouvinhas, que então era José

DANIEL DEFENDENDO SUZANA

Borges de Araujo, como consta da certidão do seu baptismo.

Ainda tenro menino no principio do episcopado de D. Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara, Prelado de eminente santidade, entrou o nosso Simão no Seminario de Bragança.

Nos primeiros annos dos seus estudos, não obstante a sua assidua applicação e talento, que já n'elle se revelava, Simão era de caracter voluvel: de tempos a tempos fugia do Seminario.

O Reitor participava-o ao Prelado, e D. Antonio que divisava no menino qualidades notaveis, como inspirado, respondia: «Simãosinho tantas vezes fuja como se vá por elle.»

Com effeito, o menino Simão começou a perder o mau habito de fugir, e em breve se tornou distincto em aproveitamento litterario e virtudes.

Ainda joven, foi o mais attento ouvinte das conferencias scientificas e religiosas do Bispo de Bragança, D. Antonio Luiz da Veiga, e o que mais colheu de suas santas doutrinas, que o levaram a seguir não só a carreira ecclesiastica, mas ainda a perfeição religiosa; para esse fim conseguiu ser admittido no Convento de S. Francisco, de Coimbra, onde professou solemnemente na Ordem Seraphica a 4 de julho, dia de Santa Isabel, rainha de Portugal; e d'ahi tomou o nome de Fr. Simão da Rainha Santa.

Era tanta a sua dedicação pelo santo Bispo de Bragança, que, para nada perder da sua transcendente doutrina, pediu e alcançou do Geral da Ordem a sua transferencia de Coimbra para o convento de Bragança, da mesma Ordem, onde conquistou memoria illustre que ainda hoje honra o seu nome.

Alli se considerava venturoso com a intima convivencia do santo Prelado a quem devia a sciencia que o fizera missionario esclarecido e zeloso do bem das almas, e a virtude e graça divina em que resplandeceu.

Aos 76 annos com que falleceu, affirmava com candura de innocencia que, desde que fizera a sua confissão geral, por occasião da sua profissão religiosa, jámais sentira consciencia de peccado mortal.

Durante as acerbas perseguições que por dezoito annos approximadamente acrisolaram a virtude do sabio e santo Prelado, Fr. Simão nunca perdeu de vista o seu Bemfeitor e Mestre, nem enfraqueceu na observancia da perfeição evangelica por elle recommendada, e na de sua doutrina que inculcava a quantas pessoas dirigia ou tratava.

No ultimo periodo do episcopado de D. Antonio Luiz da Veiga, depois da sua reintegração ao bispado, Fr. Simão da Rainha Santa mais se approximou d'elle e lhe assistiu; e assim foi testimunha qualificada de muitos prodigios por elle operados em vida, na morte e depois do fallecimento do santo Prelado, os quaes os seus inimigos muito trabalharam por esconder e desfigurar.

Depois da morte de D. Antonio em 1819, Fr. Simão pediu e effectuou a sua transferencia do Convento de Bragança para outro da sua Ordem na cidade do Porto.

Aqui se achava quando as Ordens religiosas foram injusta, cruel e sacrilegamente extinctas em Portugal, no anno de 1834.

(Continua)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

Coisitas!

(AO CORRER DA PENNA)

Ainda haverá quem nos apresente outro argumento contra o *jesuitismo e instituições congeneres*, e parece-nos, que a esse ninguem resiste.

Os *jesuitas* e especialmente os *missionarios* são a causa de endoidecer muita gente, que ouve as suas predicas e a elles se confessa.

Isso é tão verdade, que todos os doidos, que estão em Lisboa, no hospital de *Rilhafolles*, e no Porto, no hospital do Conde de Ferreira, não estariam ali e n'aquelle estado, se não se tivessem todos andado a metter com *jesuitas* e mais *sucia* similhante.

Pois não viram o que succedeu ao Freitas e Oliveira? Endoideceu e, (talvez por grande amor á familia e deixal-a assim em melhores circumstancias), deu em si um tiro de pistola e ficou, moral e physicamente impossibilitado de ganhar a sua vida.

E quem foi a causa de tal desgraça?

De certo que só os *jesuitas* e os *missionarios*, com quem elle andava sempre mettido, a quem *se confessava frequentes vezes*, a quem *tecia elogios* nos jornaes *republiqueiros*, a favor de quem tanto se empenhou e dirigiu circulares, quando governador civil em Leiria, e por quem tinha uma *sympathia tão pronunciada*, que, no parlamento, *deitava os bofes pela bocca fóra, tecendo-lhes os maiores encomios*, especialmente ao Padre Raymundo dos Anjos Beirão.

* * *

Ainda ha outras coisas, que são muito más nos taes *missionarios* e *jesuitas*. São as suas doutrinas *horriveis* e *revolucionarias*, os seus conselhos, as suas predicas e as suas conversas.

Elles pregam contra a desobediencia ás leis da Egreja. Mas isso não convem aos *livres pensadores*.—Elles pregam contra o roubo, contra o homicidio e contra outros crimes. Mas isso não convem aos *phylosophos*, que dizem, que não ha criminosos; que o homem é como uma qualquer machina ou um automato; e que tudo isso, a que se dá o nome de crimes, não é mais, que effeitos de *boças especiaes e caretheristicas, monomanias ou tendencias*, irresistiveis na natureza dos individuos.—Elles pregam contra os *calotes*. Mas isso não convem aos *janotas* de luvas de pelica, bengalinha e calça *afiambrada*, por que entendem, que pregar um *calote* não é mais, que uma simples *gracinha*, uma brincadeira, uma prova de finura ou uma *comedella* a um parvo, que se deixou enganar por tão *finos cavalheiros de industria*.—Elles dizem, que, depois d'esta vida, ha de haver outra, em que Deus dará o premio ao justo e o castigo ao delinquente. Mas isso não convem a certos *homens de talento transcendente* e a *certos sabios*, que nunca estudaram nada nem leram mais que algum romance e alguma duzia e meia de *jornaes republiqueiros*, por que esses homens dizem, que a phylosophia e a sciencia moderna tem provado até á saciedade, que Deus não existe, que não passa de um *mitho*, um *papão* para metter medo ás creanças, uma artimanha de padres estupidos e comedores, que pretendem explorar os parvos e as beatas; que tudo é materia, tudo é nada, e, na sua louca vaidade, chegam a ser *tão modestos*, que se comparam aos irracionaes, por que dizem, *que quando se morre tudo morre!*—Os missionarios pregam contra os falsos juramentos. Mas isso não convem aos que, nos tribunaes, ou se recusam a jurar nos santos Evangelhos e juram *pela sua honra* (*uma honra*, que só elles lá entendem); ou não se importam de jurar falso, a troco de quaesquer quatro ou cinco decilitros de *rascante*. —Os missionarios aconselham a sobriedade, o amor á familia, a obediencia ás leis, o amor ao trabalho, a economia e outras virtudes civis e domesticas. Mas isso não convem aos *amantes da boa pinga*, dos licores, do café e cognhac,

A SANTA FAMILIA

por que todos querem só passar bem, comer bons bocados e gozar, sem lhes importar o futuro das suas familias e entendendo, que *quem vier atraz, que feche a porta e se arranje como puder.*

. . . . . .

. . . . . .

* * *

Ainda, a tal respeito e n'este gosto podiamos fazer mais considerações, mas por hoje ficamos por aqui, por que não queremos tornar-nos enfadonhos.

Alem d'isso ficámos *atterrados* com os *grandes sustos,* que o snr. Joaquim do *Conimbricense* mostra n'estes ultimos numeros, que nos chegaram á mão por a obsequiosidade de um amigo.

O homem cita factos, que atterram tudo e invoca dos tumulos o José Estevam e o Alexandre Herculano.

Nós ficamos com bastante pena da falta de tacto do snr. do *Conimbricense.*

Pois não vê este homem, não veem os seus *collegas anti-jesuiticos* e *anti-lazaristas,* que esses artigos *espantam a caça?*

Assim não fazem nada. Esse procedimento prejudica-lhes os seus proprios interesses e os do governo.

Assim, os *jesuitas assustam-se,* já não querem fazer conventos, nem comprar propriedades nem junctar dinheiros. E depois não ha a que se *deitarem os gatazios.*

Nada. Nada. Deixe, que os *frades tornem* e, passado algum tempo, é que é *saltar-lhes ao pello.*

* * *

E a que vem agora cá o José Estevam?

Pois que mal lhe faziam os frades?

Estorvavam-n'o de que elle passasse bem, tivesse pingues ordenados, boa meza, boa sucia para o *cavaco,* bons charutos, casa *confortavel,* todos os commodos e *regallos* da vida?

Estorvavam o mesmo a Alexandre Herculano?

Estorvam-n'o ou podem ainda hoje estorval-o aos redactores do *Conimbricense,* do *Seculo,* do *Bejense,* do *Povo d'Aveiro,* da *Era Nova,* e d'outros *quejandos?*

* * *

A guerra não é ao *jesuitismo* nem ao *lazarismo.* E' á religião catholica em geral e em especial ao clero.

E tanto isto é verdade, que os taes *redactores* chamam *jesuitas e lazaristas* a todos os padres. Apparece um padre? E' um jesuita.—Um homem qualquer está n'um templo a rezar nas suas contas? E' um jesuita.—Um sujeito compra um livro de orações ou que trate de assumptos religiosos? E' um jesuita. —Um escriptor publica um livro de moral e de boas doutrinas? E' um jesuita.—Um chefe ou um pai de familias reza as contas ou algumas orações com os seus familiares? E' um jesuita. —Um amigo, um parente, um sujeito qualquer lembra a outro, que vê perigosamente enfermo, que bom é que se confesse, se arrependa de seus peccados e se prepare para a morte? E' um jesuita.—*Um homem qualquer pretende* mostrar-se serio com as coisas serias, não pregar calotes, não frequentar os lupanares nem os botequins? E' um jesuita.—Em fim, jesuitas são todos os individuos, que não professam as ideias dos *republiqueiros,* do *Conimbricense* e d'outros jornaes identicos, especialmente, quando não concorrem com as suas assignaturas, para os sustentarem.

* * *

«Guerra a tudo o que é catholico!» E' o fim d'estes *escriptores* e de certos *politicos!*

E, *no fim de contas,* morreu o José Estevam, morreu o Alexandre Herculano e tem morrido outros, como tambem morreram Rousseau, Voltaire, Proudhon e outros *heroes,* e os *jesuitas* e *lazaristas,* isto é: a Egreja catholica e seus ministros continuaram a subsistir, como hão-de subsistir, (apezar de todos os *ganchos* e *medidas* de *rapinancia*), depois da morte do senhor Joaquim Martins de Carvalho e d'outros que taes.

. . . . . .

Tencionamos continuar com estas *coisitas.* Mas por hoje parece-nos, que basta.

Um Catholico.

SECÇÃO LITTERARIA

Poder da graça

O' tormentos secretos do remorso,
Que o coração pungis do peccador;
O' do arrependimento doces gozos,
Vós sois um beneficio do Senhor!

Nas almas na apparencia mais cerradas
Da humanidade ás santas impressões,
A meudo offerece Deus piedoso
Scenas de salutares emoções.

A's agruras da terra se assimilham,
De que jamais os olhos apartou
A summa Providencia, e ás quaes benigna
Alguns dos seus surrisos reservou.

Qual a rocha que as fendas invisiveis
Não possa um dia, fertil, entre-abrir
Aos mysteriosos germens que dos ventos
Lhe vão as leves azas sacudir?

Qual o terreno ingrato, arido e secco,
Que, mercê dos orvalhos da manhã,
Se não possa cobrir, ledo e virente,
De um pouquito de relva alma e louçã?

E qual o coração, por mais perverso,
Por mais duro e feroz que o supponhaes,
Onde nunca eccoou a terna e occulta
Voz das misericordias celestiaes?

Nunca, pois, grata esp'rança abandonemos
Da conversão feliz do peccador:
E' da graça o poder secreto e immenso,
E insondaveis as vias do Senhor!

Porto—outubro de 1886.

A. Moreira Bello.

A um lyrio

O' grande amante ideal! O lyrio immaculado!
Sereno como o ceu da casta consciencia,
Desprendes, ao abrir o calice nevado,
As lagrimas do amor e os sonhos da innocencia.

Vens-me fallar talvez da dôce transparencia
Dos ceus, a patria d'onde eu ando desterrado!
E julgo ir-me perder ao aspirar-te a essencia
N'um mar cheio de luz, etherio e socegado!

Tu és a flor do Bem, ó grande flor suave!
Feita do olhar das mães, do cantico da ave,
E do infantil amor d'um peito virginal.

Por isso, quando vaes as petalas abrindo
Eu julgo presentir, angelica, sorrindo,
A alma de Jesus no calix de crystal.

C. C.

Inimigos da Instrucção primaria

(Continuado do n.º anterior)

Filho do seculo XIX, enthusiasta sincero por todas as descobertas que abrilhantam a nossa epocha e que são o apanagio mais bello dos nossos tempos, eu poderia com sobrada razão ser taxado de retrógrado, se por ventura aqui viesse defender doutrinas que, por obsoletas, já foram condemnadas ao ostracismo. Mas não.

Eu que amo esta brisa suave que nos bafeja; que me aqueço aos raios brilhantes do esplendido sol da liberdade; que, filho do povo, tambem me foi dado libar pela dourada taça das sciencias, quanto minhas debeis forças permittiam; eu não posso deixar de applaudir com todas as vêras d'alma a instrucção do povo, mas que vá acompanhada da educação moral e religiosa que o forme para a virtude; porque o homem virtuoso é, no dizer d'um celebre orador nosso, o homem que todos desejam para exercer o poder, para subir ao altar, para vestir a toga, para cingir a espada, para dirigir todos os seus negocios individuaes, domesticos e sociaes. O homem sem virtude só inspira receio e nenhuma confiança.

Mal andam, por tanto, os governos que, obedecendo cegamente ás inspirações das seitas maçonicas, decretam obrigatoria a instrucção primaria e ao mesmo tempo d'ella proscrevem o ensino religioso, que só elle—digâ-mol-o bem alto—poderia formar o coração da creança para a virtude; mal andam, sim, porque, d'esta forma, só preparam uma geração de atheus e revolucionarios, que a seu tempo produzirá os seus naturaes fructos; porque o coração do homem entregue a si mesmo só propende para o mal; e só a religião tem o magico poder de o amansar; porque lhe suavisa as agruras da vida com a consoladora esperança de uma felicidade completa alem da campa.

Eis, senhores, porque julguei opportuno indicar um dos inimigos mais temiveis da instrucção primaria. Nem nos lisongêe a idéa de em nossas leis se preceituar o ensino religioso aos nossos discipulos; porque o que n'ellas se prescreve, é limitadissimo, é uma gota de agua comparada com o vasto oceano; é pouco mais que nada se o compararmos com um curso de moral e de religião que alli se deveria ensinar. Mas a maçoneria não quer nada com a religião; ella guerreia-a por toda a parte, e o meio de que tem lançado mão, é o ensino leigo sem Deus, para estabelecer sobre a terra o reinado de Satanaz em substituição do reinado social de Jesus Christo que a Igreja foi encarregada de implantar n'ella por seu Divino Fundador.

Tal é a minha opinião.

Nota. O despretencioso discurso que acaba de lêr-se, mereceu as honras de uma critica a um correspondente de Leiria para a «Actualidade», jornal do Porto, o qual, dando noticia das conferencias alli realisadas e referindo-se á nossa humilde pessoa, diz:

.....«E o snr. P.e F... da freguesia da Lagarteira, que apresentou e leu um dircurso que parecia bater no ar, julgando como principaes inimigos da instrucção os governos por tolerarem a maçonaria e não promoverem a educação religiosa na escola. (!) Pobre freguesia da Lagarteira!»

E assim termina o alludido correspondente, com accento lacrimoso, jeremiaco, compadecendo-se da freguesia onde somos professor e talvez tambem de nós, julgando sem duvida assombrar-nos com a *verve* da sua *fina ironia*.

Os leitores acabam de ver que o dicto correspondente cincou, permitta-se-nos a expressão, nas informações que deu para o citado jornal; porque uma expontanea salva de palmas com que foi coroado o final da leitura do discurso, (e releve-se-nos a falta de modestia) mostrou claramente que o auditorio bem comprehendia que elle batia certeiro n'um alvo determinado. E quando não batesse em ninguem, parece ter *bellliscado*, pelo menos, o dicto correspondente: quem se queixa..... Os maganões dos .·. são muito *achacados* do systhema nervoso; apenas se lhes bole irritam-se logo, logo se dão a conhecer.

Não é exacto que o auctor do discurso julgasse os governos como principaes inimigos da instrucção, (como claramente se vê do final do discurso) mas sim a maçoneria, que os domina, que os avassalla e a cujas inspirações obedecem cegamente, sobre tudo em materia que se relacione mais ou menos proximamente com a religião catholica. Isto é um facto que só o não vê quem não quer.

D'aqui se vê, pois, a *consciencia* com que o correspondente da «Actualidade» apreciou o discurso que tanto lhe deu no gôto. E dizem-nos que é um cavalheiro que exerce as altas funcções de professor no lyceu d'aquella cidade!... Se assim é, permitta-se-nos s. ex.ª que, parodiando o seu emphatico epiphonema tambem exclamêmos:

Pobre lyceu de Leiria!

A. S F.

Uma conversão

(á Ill.ma e Ex.ma Sr.ª D. Maria da Conceição Vaz Napoles)

I

Tinha eu então vinte e cinco annos; muita leitura e pouca fé. Havia lido as obras dos mais notaveis inimigos da Egreja; saboreava-lhes o estylo bem como as doutrinas. M. Renan mais que todos, encantava-me d'um modo inexplicavel: achava-o imparcial, e as suas theorias julgava as de difficil refutação. Outrotanto se não dava com Voltaire, a quem odiava de morte; mas, francamente, não via outro Deus n'este universo, a não ser essa decantada *Humanidade*, tão apregoada em nossos dias, que se creou a si mesma, que se desenvolveu por si, e na qual alternativamente foram despontando as religiões, que são para os povos o que é o fructo para a arvore ou a flor para o caule. Não tinha aversão á religião catholica, onde reconhecia as idéas elevadas d'um povo interessante, ou antes muitos povos harmoniosamente encadeados. Já d'aqui se deixa ver que eu era tolerante, e o partido moderado tinha-me em grande conta.

Não direi que fossem muito claras as minhas idéas, nem que tivesse uma prompta solução para todos os problemas, não. O' meu *Deus-Humanidade* nem por isso deixava de ser cercado de bastas nuvens; a minha theoria das raças não me satisfazia completamente. Em compensação fui adquirindo uma propensão para armar ao effeito; e d'ella abusei em meus primeiros escriptos. Ainda assim, mesmo sob este ponto de vista, nunca cheguei a imitar Théophile Gautier.

Intitulei o meu primeiro livro—*Histoire comparée des doctrines de l'antiquité qui préparèrent l'idée chrétienne*. Ahi queria provar que nada ha mais humano, n'este mundo que a Egreja; procurava demonstrar que, se os egypcios haviam fornecido a Moysés a propria essencia de suas doutrinas, os platonicos do mesmo modo adornaram e cloriram os ultimos livros do antigo Testamento; dizia que todas as *idéas* de Jesus Christo não foram senão o ecco de certos systemas do seu tempo, que a theoria do Verbo era toda platonica, etc., etc. Teve um bom exito o meu livro, cheguei até a receber felicitações de certos catholicos, muito liberaes.

Comtudo não se podia a minha mente furtar a uma duvida que sempre me perseguia, porque eu estava de muito boa fé; e era—ver que essa «idéa christã», cuja origem humana me era

demonstrada (pelo menos assim o cria) tinha arrebanhado tantos discipulos, ao passo que os mais celebres philosophos da antiguidade haviam adquirido tão poucos adeptos, ao passo que as religiões mais «pittorescas» não tinham passado os limites d'uma nacionalidade ou d'uma raça. Depois, o que ainda me inspirava mais duvidas era a constante sollicitude das almas que, em volta de mim se dedicavam d'alma e coração á pratica do christianismo: e tão perfeitas as via em seu procedimento que (apesar de não crêr) desejaria, ao menos a seu respeito, crêr na intervenção d'um Deus. Emfim a redempção do mundo pela cruz do Calvario, que me transportava longe do dominio das idêas e dos factos, essa redempção extasiava-me; mau grado meu: achava esse dogma d'uma simplicidade e d'uma belleza inimitaveis, e lá de quando em quando a consciencia me fazia suspeitar da sua necessidade. Mas não passava d'isto.

Em summa,—não cria, não orava, não amava. Oh! Como eu era infeliz, e quanto desejára não o ser!

II

Foi então que o bom Jesus, que queria abrir-me os olhos, me tomou um dia pela mão, guia invisivel, e me aproximou de Luiza. Oh dulcissima recordação!

Ella habitava, com sua mãe, não longe d'essa querida egreja de S. Sulpicio, que é de ha muitos annos a patria da minh'alma, o enlevo do meu coração.

Vi Luiza e amei-a. Amei-a christãmente; foi uma grande graça que Deus me concedeu, porque em mim nada havia de christão a não ser este amor. Em breve contrahimos esponsaes.

Todas as manhãs eu via Luiza ir com sua mãe á missa das seis horas. Porém, como nunca me via na egreja, perguntou-me um dia, mui sériamente, se eu era protestante .. ou israelita.

«Ah!, respondi, (crendo revelar-lhe talvez alguma coisa; e ella sabia tudo!), é que... não tenho fé.» Relatei-lhe a historia da minha vida, expuz-lhe depois o meu systema com o melhor colorido que me foi possivel; cheguei a offerecer a sua mãe um exemplar do meu livro. Luiza escutou-me até ao fim com a maxima attenção o que me deu uma alta idêa... da minha eloquencia; vi-a pensativa: «Lerei o vosso livro» disse finalmente.

Ao ouvir pronunciar-lhe estas breves palavras, córei. Pela primeira vez desejaria que me não lessem. Tratei de observar-lhe que o livro era um pouco grave, que era volumoso: «E' exactamente de livros assim que eu gosto.»

E lá lhe deixei ficar esse primeiro volume da collecção futura de minhas obras. Mui pesaroso fiquei, pois fui obrigado, d'ahi a alguns dias, a partir para uma viagem de seis mezes. «Não poder estar lá, pensava eu, a fim de evitar o mal que o meu livro possa causar! Felizmente, está escripto em estylo philosophico; esperemos; talvez que ella não comprehenda nada d'aquillo.»

III

O dia seguinte ao da minha volta reparei que Luiza não viera á missa; no outro e no outro ainda, tambem não. «Não posso entender o que tem a minha filha, disse-me sua mãe, a quem havia encontrado. Todo o seu gôsto é passar as manhãs a reler... eu sei.. pela vigesima vez a vossa obra, e, pede permissão de não me acompanhar á egreja.» Não fiquei satisfeito, verdade, verdade, com este primeiro resultado da leitura de minhas obras; fiquei até maguadissimo. «Luiza, dizia a sós commigo, já soffrerá por minha culpa, d'essas duvidas que tanto me teem atormentado e me torturam ainda? Ah! que miseravel que sou! E para que communiquei eu a esta alma candida e pura as agitações da minha? Maldito livro!» E irado, arrojei para longe um exemplar que tinha na mão.

Dois dias depois d'este successo, disse-me sua mãe: «Luiza toma notas no vosso livro; diz que é admiravel, que em quasi todas as coisas é da vossa opinião.» «Oh! maldito, mil vezes maldito o meu livro!»

Mais alguns dias se passaram sem que visse Luiza na egreja. A sua mãe só, sempre sósinha.

Comecei então a chorar, a chorar.. como uma creança «Roubei-lhe a sua fé, roubei-lhe a sua fé!» não cessava de repetir. Entrei em S. Sulpicio. Todos os crucifixos do templo sagrado pareciam fallar-me: «Foste tu quem desencaminhaste a nossa Luiza?!» A Virgem, a dôce Virgem, toda resplandecente, que desde a minha primeira communhão não tornára a vêr, parecia dizer-me tambem com accento triste: «Onde está Luiza? Que fizeste á minha desvelada serva, á minha amiga?» E as imagens dos santos, e até as paredes n'aquelle silencio augusto me interrogavam: «Onde Luiza? Que é feito de Luiza?» Ai! O meu pobre coração já não podia mais; senti-me frio, tremia... e...

E cahi de joelhos.. Ha cinco annos que meus joelhos se não tinham dobrado.

Curta foi a minha supplica: «Oh Senhor Jesus, conservai a fé de Luiza.»

Prece admiravel, direis vós, leitores meus, para um homem que não cria... Ah! E' que o milagre começava; é que eu principiava a crer.

IV

Ao sahir da egreja enchi-me de coragem, e fui ter com Luiza.

Veio ao meu encontro muito expedita e disse-me: «Acabei de ler a final o vosso livro. Permitti que vos dê os parabens: é muito concludente.» E accrescentou com um modo estranho. «Quasi que fizestes uma neophita.»

«Sim; accudiu a mãe; já ha muitos dias que Luiza não cessa de discutir commigo os principaes artigos do cathecismo que lhe ensinei, quando pequena. Tem sempre mil objecções a fazer, e estou receiando bastante que se torne menos piedosa, menos christã...

«—Christã! exclamou a joven, isso sou, e sel-o-ei sempre. Mas entendo o christianismo n'um sentido mais amplo que a maior parte dos nossos catholicos. Quero um christianismo universal, immenso, sem limites, o christianismo do futuro! E que cuidaes que seja o christianismo? O christianismo, continuou, excitando-se cada vez mais (e o seu rosto afogueado havia perdido toda a candura, tomando uma expressão altiva e pedantesca) o christianismo não é mais que a fusão magnifica das idéas da raça semitica e da raça indo-europêa...

«—Dai-me licença... mas...»

«—Que outra coisa é, senão a combinação do monotheismo dos semitas com o polytheismo dos indo-europeus e com as doutrinas platonicas? Vêde a doutrina do Verbo. Poder-se-ha avançar que o christianismo não seja verdadeiro, nem divino? Não; o christianismo é verdadeiro emquanto é a expressão das mais sublimes ideias da humanidade. E' divino, se é que se quer dar esse nome a tudo o que é..

«—Ah! senhora, interrompi eu, sois vós que fallais assim?!»

«—Pois não serão estas porventura as vossas doutrinas? me tornou ella. Vêde pag. 33, 117, e principalmente pag 201.»

E apontava-me certos trechos que tinha, julgo eu, aprendido de cór.

.....

Não pude articular uma só palavra; era ali batido com as minhas proprias armas. Baixei a cabeça e retirei-me. E n'aquelle dia comprehendi bem o que era a dor... e o remorso.

V

Como é que o mais depurado oir

se converteu em chumbo vil?! Oh candida alma de Luiza, onde estás?

Ainda não passaram muitos dias que tu crias n'um Deus unico, creador dos céos e da terra; em um dôce Salvador Jesus Christo que deu a vida por todos os homens; n'uma santa Egreja que tem por missão augusta continuar na terra, até ao fim dos tempos, as obras do Homem-Deus.

Ainda ha pouco tinhas uma fé rasoavel, logica, sublime: sabias perfeitamente d'onde vinhas, para onde ias, e quem eras! Só pensavas no céo, só pelo céo suspiravas. Oh Luiza, Luiza! dar-se-ha caso que os systemas humanitarios tenham substituido em tua candida alma o céo e até o suspirar pelo céo?!

Ha pouco eras a servasinha de Maria; o teu empenho era imitar a pureza immaculada d'aquella Virgem, e agora... Oh! agora: para ti não ha Virgem. Ha só a sciencia, que é maculada, sim; que não consola, que é árida e desalentadora; ha a sciencia que me fez o que sou, a sciencia que odeio... dêsque tu começaste a amal-a. Já não virás á egreja, Luiza, já não voltarás a ajoelhar ao pé d'aquella imagem. Lá vão as longas supplicas que fazias n'aquelle altar, e os recolhimentos antes da communhão; lá vão as communhões cheias de lagrimas e preces; lá vão emfim os dôces, os maviosos canticos, sahidos do coração! Alma pura e casta de Luiza, onde estás?...

E eu, eu é que fui o culpado. «Onde está Luiza, onde está?» me perguntam sem cessar estes objectos que me cercam. Oh! não ha que duvidar.

Não era a verdade que eu possuia não: porque a verdade não afeia as almas, e a tua está desfigurada pelas minhas mentiras.

A verdade aformoseia os corações onde entra. Desde que perdeste a fé, Luiza, a tua alma já me não inspira senão compaixão! O teu proprio rosto causa medo; já não tem aquella graça, aquella belleza que tinha.

Sim, era o erro que eu professava, e tu amavas a verdade que te fiz perder.

(Continua)

Arnaldo Alves Torres.

RETROSPECTO DA QUINZENA

A todos os nossos amigos que se dignaram cumprimentar-nos por occasião do Natal de Jesus, agradecemos penhorados, pedindo desculpa não o fazer por outra via.

Depois dos dias festivos do Natal do Redemptor, quiz o mesmo Senhor dar-nos mais descanço, guardando a cama durante uma semana. Durante tanto tempo imaginem os nossos leitores e amigos a atrapalhação que por aqui foi, e as faltas que haviamos forçosamente commetter.

Ao encetar de novo os nossos trabalhos, convalescente ainda, tinhamos fechadas oitenta e tantas cartas, o que iquivale a ter, pelo menos, oitenta amigos esperando resposta.

Felizmente e graças a Deus, achamo-nos bom e cremos que, ao distribuir-se o presente n.º, estaremos em dia com os nossos trabalhos.

Mas, apesar de tudo, mil desculpas, porque quem tem tantos afazeres como nós, tem obrigação de não estar doente.

Dactada de 21 de dezembro passado, e firmada pelo nome respeitabilissimo do Exc.mo e Revd.mo Snr. Arcebispo de Perga, D. Augusto Eduardo Nunes, recebemos uma Carta Pastoral, dirigida ao Clero da Archidiocese de Evora, acompanhando a Encyclica do Santo Padre—*Pergrata Nobis accidit.*

Agradecemos penhorado ao illustrado e venerando Prelado a valiosa offerta, e não deixaremos nossos leitores sem d'ella terem conhecimento

---

E' dolorosissima a situação do Nosso Santissimo Padre Leão XIII, ainda que o contrario digam os coripheus da impiedade.

O seguinte telegramma, expedido de Roma em 23 do passado, dá uma ideia clara das cadeias que pêam o Pae commum dos fieis.

Leia-se:

«Roma. O Papa, ao receber hoje os cardeaes por occasião da festa do Natal, protestou contra o movimento anticlerical italiano e contra as leis de expoliação e expulsão das freiras; disse que não resta ao Papa outra auctoridade senão a que lhe deixaram os pontifices romanos dos primeiros tempos da igreja; e reiterou todos os seus protestos contra a situação creada ao papado.»

Em face de um tal estado de coisas é necessario um protesto solemnissimo de todos os homens que se prezem de catholicos.

Protestemos todos!

Temos a summa satisfação de annunciar que o Instituto de S. Vicente de Paulo, d'esta cidade, a exemplo do que louvavelmente têm feito outras conferencias do reino e do estrangeiro, resolveu promover, durante oito dias seguidos, umas conferencias religiosas e doutrinaes, só para homens, e que deverão começar no dia 23 do corrente, á noute, na egreja da Misericordia.

Serão conferentes, segundo nos informam, os Exc.mos e Revd.mos Snrs. Padre Carlos de Gouvêa, e Padre Machado, dous distinctissimos ecclesiasticos, muito conhecidos pelo seu saber e por seus trabalhos apostolicos.

Aplaudimos do fundo d'alma ideia de tanto alcance, e mais uma vez confessamos a benemerencia do Instituto de S. Vicente de Paulo, que não só visita, soccorre e veste os desgraçados, mas além d'isso (o que é muito mais) procura que o pão da divina palavra seja repartido profusamente por todos, para regeneração individual e social.

E' que a Conferencia, no desempenho do seu mandato de caridade, comprehende praticamente a palavra do Divino Mestre—*Nec solo pane vivit homo.*

Bem haja! E ao templo vimaranense!

Esperamos que a egreja da Misericordia regorgite de homens, e que a palavra de Deus, tão sabiamente ministrada, seja ouvida com fructo, e produza abundantemente.

Por toda a parte a impiedade trabalha por afastar de tudo a ideia religiosa, por tudo paganisar, e, não obstante quem lançar uma vista retrospectiva pelos acontecimentos que todos os dias se vão realisando, ha-de necessariamente prever a mão da Providencia, guiando as sociedades para um caminho bem outro, que aquelle que a descrença lhe quer dar.

Ha pouco noticiavamos que as meninas das escolas de S. Francisco, d'esta cidade, se haviam agremiado sob a invocação poetica, sympathica, formosissima de Filhas de Maria, e hoje temos já que mencionar um outro facto de não somenos importancia, levado a effeito nas mesmas escolas de S. Francisco.

Sob o impulso do digno ministro da Ordem, que é a verdadeira Providencia que appareceu n'aquella casa depois d'um cahos medonho, instalou-se no dia 27 de dezembro a associação de S. João Evangelista, composta dos alumnos da escola da Ordem, tendo já o seu regulamento, que se póde reduzir ao seguinte:

Observancia completa dos principios catholicos; respeito ás leis da casa e do paiz; amor da patria e do proximo; acrisolado amor ao trabalho, etc., etc.

As vistas do caridoso ministro, ao fundar esta pia agremiação, estendeu-

se muito longe, até ao fim humanitario e civilisador de crear officinas, á imitação das que já existem no paiz, modeladas pelas de D. Bosco, para n'ellas serem educadas as creanças da escola.

Foi edificante o acto da installação, sendo lançada aos alumnos mais distinctos, o distinctivo da associação, havendo sermão, etc., etc.

Damos os parabens ao ministro e a toda a Meza e fazemos votos porque o Santo Patriarcha não torne mais a abandonar aquella sua casa.

Ninguem faz caso d'elles, dos paes da *patria* e da *liberdade*. E d'ahi nasce o seu desespero, coitados!

A fronteiriça «Sentinella», vinha ha pouco zangada, ruim, impagavel, porque dava um cavaco engraçado. E porque? por uma partida que lhe fez o actual presidente de ministros, Snr. José Luciano de Castro.

Diz a dita «Sentinella» que uma vez se realisára um comicio *imponente* com a assistencia de 2 mil pessoas, que pediram, reclamaram, e não sei se ladraram, para que fossem postas em vigor as leis do marquez de Pombal e do Mata-frades, e que o Snr. José Luciano de Castro, fez ouvidos de mercador, não deu cavaco, nem resposta, nem mesmo um bilhete postal a dizer algo.

Ora o Snr. José Luciano, não é por amor que tenha aos Jesuitas, que não deu cavaco, mas é porque já conhece essa meia duzia de pataratas que andam a querer revoltar o paiz, fallando de Jesuitas; fiquem certos d'isso. E demais, a «Sentinella» para que se mette a fallar de Jesuitas, e a dizer d'elles tantas cousas feias! Porque se não occupa só a transcrever cantigas, enchendo com ellas toda a papeleta, porque com isso fazia de Portugal um côro admiravel, e talvez tirasse mais fructo.

Nós gostamos muito das suas cantigas, e tanto que até transcrevemos uma quadra para amostra:

«Já a aldea cria herva,
Já não tem passeadores,
Ai de mim que eu vivo ausente
Dos meus tão lindos amores.»

Dedique-se só a este ramo de publicação, compre uma violla, e toque e cante até arrebentar, mas deixe os pobres Jesuitas, e não apoquente os governos, que já sabem o que vossas mercês querem.

Que diacho de mania se metteu na cabeça d'estes jornalistas pequenos!...

Entrou no 15.º anno da sua publicação o nosso estimavel collega bracarense—O «Commercio do Minho».

As nossas felicitações.

Teremos alguma brincadeira d'essas que as grandes potencias militares costumam arranjar para despedir d'esta melhor vida milhares de homens?

Assim o parece lendo-se o seguinte telegramma de Vienna:

«Segundo annuncia um despacho de S. Petersburgo, os recrutas russos vão ser incorporados nos regimentos antes do tempo ordinario, e as companhias do caminho de ferro de Vistula, receberam ordem para despedir todos os seus empregados allemães e polacos.»

Em melhor causa se empregam os catholicos. S. Exc.ª Revd.ma o Snr. Bispo-Conde, vae fundar no seu seminario uma imprensa, destinada ao serviço do mesmo estabelecimento.

Assim mostra S. Exc.ª Rev.ma que a Egreja foi sempre *inimiga* das luzes e do progresso.

Vá uma prova da avareza do Papa e dos Bispos:

—Por occasião do Natal Sua Santidade fez distribuir aos pobres de Roma 2:400$000 reis e 160 camas.

—O Exc.mo e Revd.mo Snr. Arcebispo de Braga, distribuiu por diversos estabelecimentos pios e de caridade, na mesma occasião, 376$500 rs.

—S. Exc.ª Revd.ma o Snr. Bispo da Guarda, distribuiu pelos pobres da Guarda, 80$000 e 1$000 reis a cada preso.

Compare-se isto com a rapacidade dos amigos da liberdade e da igualdade, e ver-se-ha quem é que sabe exercer a caridade.

E' certo, porém, que os taes amigos da *liberdade* tambem teem caridade, por exemplo:

«Quando se celebrava a missa do Gallo na egreja de S. Nazario, em Lião (França), um d'esses amigos collocou á porta do templo uma bomba de dynamite, que por fortuna foi abafada.»

Dão d'isto as liberalissimas pessoas!

De presente aos inimigos dos padres, aos membros do Atheneu Commercial de Braga (aos que protegeram os palhaços), e a todos os basbaques de Portugal, damos a seguinte noticia:

Os portuguezes de Hong-Kong, brindaram com um magnifico calix de prata o nosso amigo e assignante de sempre do nosso «Progresso Catholico», o Exc.mo Snr. Conego José Maria da Cruz Semião, uma das dignidades da Sé de Macau.

A offerta dizem-nos ser um verdadeiro primor artistico.

Nem sempre insultos e o gargalhar alvar diante dos pantomineiros que ridicularisam o clero e insultam as Irmãs da Caridade; tambem as distincções, tambem as homenagens dos que se não infileiram na canalha reles e indinheirada das nossas cidades.

Já por outra occasião nos dirigimos ao nosso collega de Lamego, o «Affonso Henriques», e hoje de novo a elle nos dirigimos, ainda que nos pese.

Por baixo do titulo d'este periodico lê-se: Semanario Religioso. Isto não é bastante, porque o «Affonso Henriques» póde ser religioso, isto é, pertencer a uma seita qualquer, mas não ser catholico; mas no seu artigo editorial lê-se:—*Reacção religiosa contra a impiedade.*

E pela leitura do artigo vê-se que a publicação é catholica; mas nos annuncios faz se reclame pomposo ao infame livro de Victor Hugo—*Os Miseraveis:* que religião é a do «Affonso Henriques»?

Medite, collega.

Vae um berreiro por esse reino fóra, de: instrucção, escolas, civilisação, e, afinal, os governos que prégam tal doutrina, deixam os professores primarios reduzidos á miseria, a viver da caridade publica!

E' tal a penuria dos professores primarios da Praia da Victoria, Ilha Terceira, que os seus collegas do Porto abriram uma subscripção para lhes matar a fome, estando, á dacta das ultimas noticias, a dita subscripção em 71$300 reis!

Triste, pasmosamente triste! E muito mais por se dar este facto n'um paiz que devorou as rendas dos frades, nas casas dos quaes havia instrucção gratuita para todos e para todas as disciplinas!

Não fossem as religiosas e alguns ecclesiasticos que por esse reino manteem a instrucção gratuita, ou remunerada, e Portugal não teria dentro em pouco aptidão se não para roçar mato e plantar... batatas.

Ficam para o n.º seguinte alguns artigos que n'este não poderam ter cabida; assim como tambem a Secção Illustrada.